

O CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO DE PENAMACOR





O CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO DE PENAMACOR

FICHA TÉCNICA

TÍTULO: O Convento de Santo António de Penamacor

TEXTO: António Canoso

COORDENAÇÃO, FOTOGRAFIA E EDIÇÃO DE TEXTO: Joaquim Nabais

DESIGN GRÁFICO: Vitor Gil

EDIÇÃO: Câmara Municipal de Penamacor | 2019

DEPÓSITO LEGAL: 459511/19

ISBN: 978-989-99016-5-0



SUMÁRIO

09	NOTA PRÉVIA
11	PREFÁCIO
15	APONTAMENTO HISTÓRICO
23	A IGREJA DE SANTO ANTÓNIO DE PENAMACOR - ESPLENDOR E SOBRIEDADE
27	A TALHA DOURADA
30	A NAVE
34	– O PÚLPITO
36	CAPELA-MOR
37	– RETÁBULO-MOR
40	CADEIRAL DO CORO ALTO
44	SACRISTIA
49	CLAUSTRO
55	SIMBOLOGIA E IMAGÉTICA
56	SIMBOLOGIA ASSOCIADA
60	A IMAGÉTICA
65	BIBLIOGRAFIA



NOTA PRÉVIA

O Convento de Santo António faz parte de um notável conjunto de elementos patrimoniais com que os nossos antepassados foram cumulando a vila de Penamacor, que hoje, em linguagem prática, consideramos como importantes recursos para o incremento turístico do concelho. De facto, a par da arquitetura castrense, carregada de história e simbolismo, e que se impõe em função de um passado militar de oito séculos, o Convento eleva-se a um nível artístico que aquela não se permite alcançar. É por isso que comumente lhe chamamos a “joia” de Penamacor. E sendo isso verdade, as boas práticas aconselham que as joias sejam objeto de resguardo, não só para que não se percam, como também para que mantenham a beleza e o brilho, atributos das coisas raras. Por aqui tenho de saudar a Santa Casa da Misericórdia, na pessoa do seu Provedor, Dr. João José Cunha, por todos os esforços que tem despendido para restaurar e manter esta joia devidamente cuidada e elevada ao seu máximo esplendor. Mas as joias também se fazem para serem vistas e admiradas. E para deslumbrarem! Perante tal argumento, não houve como não dar razão ao Sr. Provedor quando nos propôs a elaboração e edição de uma brochura que fizesse jus ao brilho do seu objeto. Coisa que aqui tentamos e esperamos corresponder da melhor maneira.

António Luís Beites Soares

Presidente da Câmara Municipal
de Penamacor



PREFÁCIO

Quando tanto se fala na necessidade de afirmarmos a cultura como forma de aprendizagem e de exaltação dos valores civilizacionais, não deixa de ser notável que este trabalho colha inspiração na iniciativa de um grupo de alunos da Escola Básica e Secundária Ribeiro Sanches, orientado pelo seu professor António Canoso, ele próprio um diletante da história e da arte, que soube converter o monumento numa belíssima aula.

A igreja do Convento de Santo António foi objeto de obras de conservação e restauro, entre 2005 e 2009, altura em que também se procedeu a uma pequena intervenção arqueológica que pôs a descoberto o cemitério no interior da nave. Esses trabalhos foram, então, custeados e supervisionados pelo Instituto Português do Património Arquitetónico e Arqueológico, garante da qualidade da intervenção, bem demonstrada no texto e imagens agora publicados e também no crescente interesse que o monumento desperta.

Como Provedor da Santa Casa da Misericórdia não posso deixar de me regozijar por, finalmente, o Convento ser objeto de uma publicação, ao mesmo tempo tão atraente quanto informativa, que, sem ser exaustiva, serve os interessados na temática dos patrimónios e o público em geral, e expressar os mais sinceros agradecimentos a todos quantos a tornaram possível, nomeadamente à Câmara Municipal, nas pessoas do seu presidente e dos técnicos que lhe deram corpo, bem como aos investigadores que a precederam e forneceram a matéria instrutiva e edificante em que assenta.

João Cunha

Provedor da Santa Casa da Misericórdia
de Penamacor





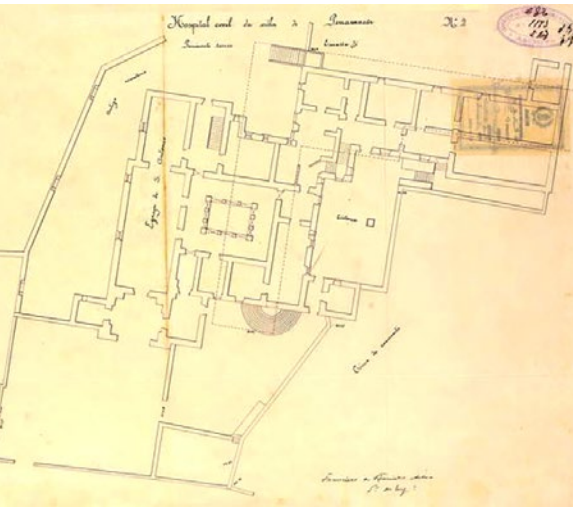
(...) Junto a esta Vila, para a parte do Poente, fica este
nosso Convento em sítio sadio, alegre, e boa vista, por
se descobrir dali muita terra (...)

*Crónica da Província da Piedade, primeira Capucha
de toda a Ordem e Regular Observância de nosso seráfico
Padre S. Francisco, Lisboa, 1751*

APONTAMENTO HISTÓRICO

No ano de 1571, sabendo que os frades capuchos franciscanos celebravam Capitulo em Portalegre, Gaspar de Elvas, fidalgo da Casa Real e Alferes-mor de Penamacor, deslocou-se àquela cidade, portador do pedido para que a Ordem aceitasse estabelecer convento nesta Vila, com a promessa de que as próprias gentes da terra o construiriam. Invocava que sendo a terra grande e muita a gente, não havia nela frequência

suficiente de ofícios religiosos, pregações e sacramentos, por serem poucas as igrejas e os sacerdotes, nem haver em redor de muitas léguas convento algum de religiosos, padecendo os moradores da falta da palavra de Deus e de mantimento para a alma. A esta diligência juntavam-se os rogos insistentes que o bispo da Guarda vinha fazendo em favor das pretensões das gentes de Penamacor, tendo em consideração o contributo da colegiada Franciscana para a educação do povo, que àquela data teria muitos judeus fugidos de Espanha, aqui estabelecidos como comerciantes após o édito de expulsão decretado pelos Reis



Entre 1867 a 1905 as instalações do antigo convento viriam a acolher o Hospital Civil de Penamacor.

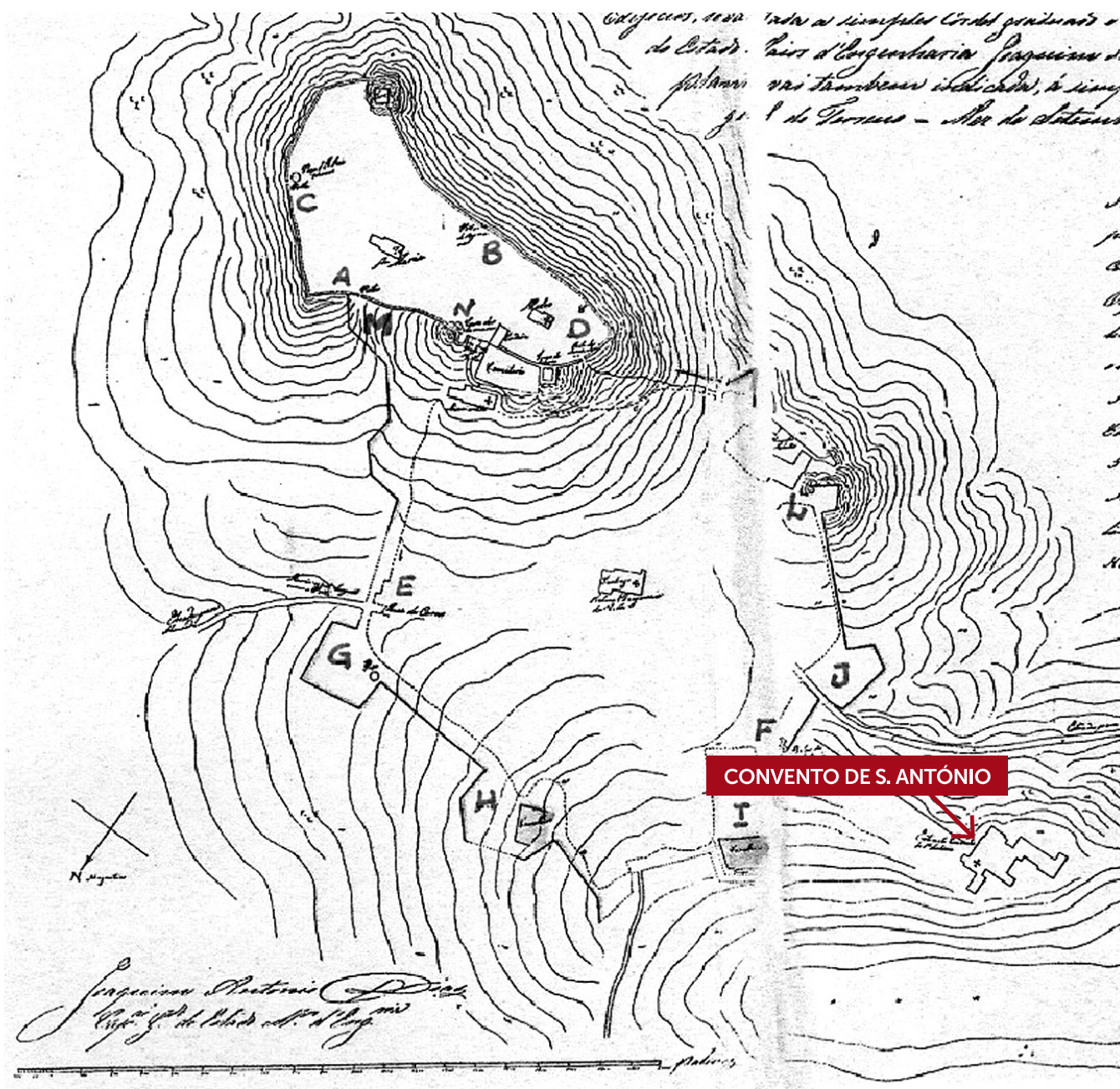
FONTE: Aquivo Histórico Militar.



Planta de 1762, onde o Convento se evidencia, a Poente.

FONTE: Penamacor Militar, da Restauração à República de Augusto Moutinho Borges.

Página anterior: Convento de S. António nos finais do séc. XIX. Este é provavelmente o registo fotográfico mais antigo do convento, obtido pelos fotógrafos Teixeira & Irmãos, da Covilhã.



Em finais do século XVI, o Convento situava-se a distância considerável do aglomerado urbano. Nesta planta de 1853, quase três séculos depois, ainda se mantinha isolado, bem para lá da porta de Santo António, limite da fortaleza abaluartada construída durante a guerra da Restauração.

FONTE: Arquivo Histórico Militar.

Católicos. A sua conversão forçada, imposta pouco depois por D. Manuel I, como condição para a sua permanência em Portugal, dará origem ao estigma socio-religioso dos cristãos-novos, que em breve ficariam sob apertada vigilância da Inquisição, instituída em Portugal, em 1536, por D. João III, para moralizar, perseguir e reprimir os hereges, bem como os desvios judaizantes dos cristãos-novos. As obras de construção do convento começaram a 3 de maio de 1571, para alegria e contentamento do povo, trabalhando nelas, voluntariamente, todos os homens honrados, plebeus e nobres, alimentados pelas mulheres que faziam e levavam o comer aos trabalhadores.

O dinheiro para a aquisição do terreno e para a obra proveio das esmolas dos mais abastados da Vila e das rendas anuais devidas pelo concelho à Coroa, com licença d' El Rei D. Sebastião, passada em Lisboa a 28 de junho do mesmo ano. Originalmente, a capela-mor foi mandada fazer e guarnecer por Estêvão Tavares e sua mulher D. Maria de Mendonça, fidalgos moradores no Sabugal, com a condição de nela se fazerem sepultar, como se veio a cumprir. Após a morte do marido, D. Maria de Mendonça instituiu um morgado, cujas rendas revertiam a favor da manutenção e provimento de tudo o necessário para a capela, para sempre. A verdade é que as disposições foram deixando gradualmente de ser cumpridas

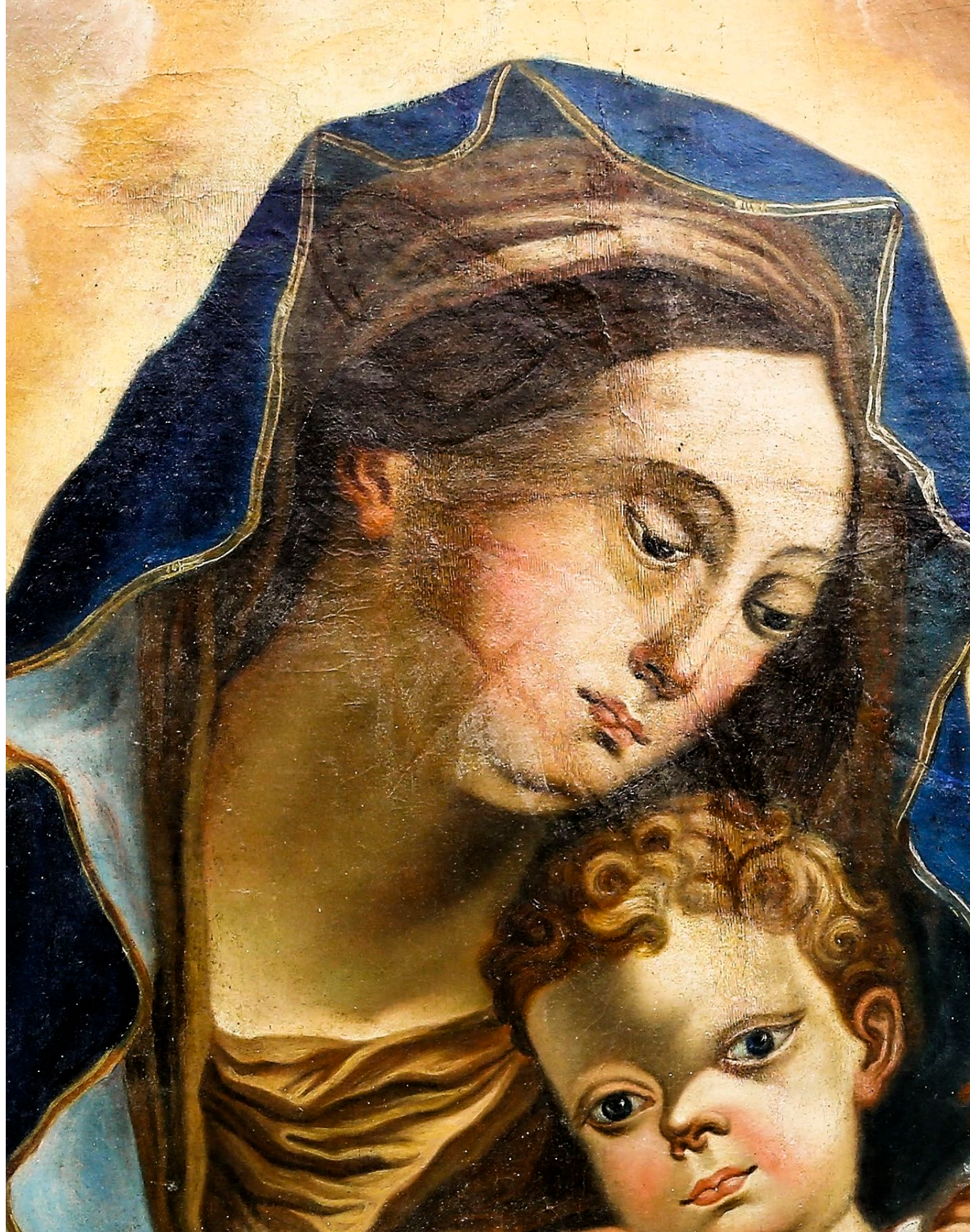
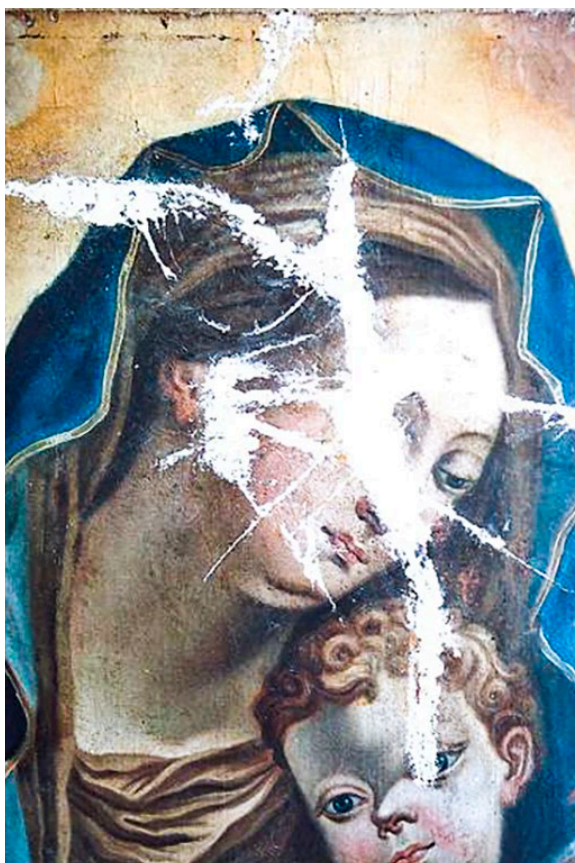


Aspecto das obras de restauro ocorridas entre 2005 e 2006.

pelos herdeiros, vindo a reedificação da capela, operada em 1692 e que incluiu a construção de um novo retábulo e o apainelamento da abóbada, a ser custeada pelos Cabos de guerra da Praça de Penamacor.

O corpo da igreja foi reedificado já no primeiro quartel do século XVIII, altura em que se apainelou o teto e se fez o púlpito. É desta época, também, o atual frontispício da igreja. É certo, também, que em 1734 se operaram obras de conservação no Claustro; mas, à exceção de uma dependência que se acrescentou para servir de dormitório, o Convento manteve sempre a sua planta original.

Para além dos já mencionados, o convento teve outros beneméritos. Desde logo, D. Simão de Menezes, comendador de Santiago, que pediu para sua sepultura a capela do Capítulo, à qual mandou



pôr retábulo e decorou, assim como forneceu de paramentos e de alfaías os restantes altares da igreja e fez outras muitas e largas esmolas ao Convento, especialmente para a enfermaria. Em 1631, o fidalgo Pedro Álvares Cabral, sobrinho-tetraneto do descobridor do Brasil, casado em Penamacor com D. Leonor de Menezes, neta de Alexandre Farnesis, Duque de Parma, doou uma propriedade chamada o Picoto, que passou a incorporar a cerca do Convento e na qual viria a ser erigida a capela de Nossa Senhora da Conceição, que ainda hoje existe.

No ano de 1712 o convento albergava ainda uma considerável comunidade religiosa, mas, na centúria seguinte, o liberal Joaquim António de Aguiar decreta a extinção das ordens religiosas e a



nacionalização dos seus bens, passando o espaço conventual a funcionar como hospital desde 1867 até 1905, ano em que foi inaugurado o novo hospital. Em 1946 ambos os edifícios são entregues à Santa Casa da Misericórdia de Penamacor. O convento vai no entanto continuar a ser ocupado pela Guarda Nacional Republicana, ficando a Misericórdia apenas na posse da Igreja e do claustro, que sofreram algumas obras de conservação. Só nos anos 60 é que a GNR faz entrega da parte ocupada. Em 1973 procedeu-se à reconstrução do edifício do Convento, com exceção da igreja. O Claustro foi reconstruído em 1974, dado o seu mau estado de conservação, preservando a traça original, bem como o resto do convento, respeitando as linhas originais e os materiais da região. Esta reconstrução

destinava-se à instalação de uma maternidade; contudo, após o fecho do hospital, também da Misericórdia e ali ao lado, o projeto ficou sem efeito. A Misericórdia cede então as novas instalações ao recém-criado Centro de Saúde de Penamacor, mantendo a posse das mesmas, corria o ano de 1975. Em 1990, quando o Centro de Saúde é definitivamente reinstalado, a Santa Casa ocupa a totalidade do espaço, que passa a dedicar às suas funções sociais, após obras de conservação. Entre abril de 2005 e julho de 2006, o convento sofreu obras de restauro da talha dourada do altar-mor, nave e coro alto da igreja, bem como da sacristia, a par da recuperação do telhado e de escavações arqueológicas que muito valorizaram o conjunto.



O restauro da talha, pintura e esculturas esteve a cargo da empresa Junqueira 220, Sociedade de Conservação, Restauro e Arte, Lda. Nalguns casos, houve que remover camadas pictóricas adulteradas para devolver as tonalidades originais; noutros, como, por exemplo, nos caixotões do teto, em que o estado de degradação era total, optou-se pela diferenciação da pintura em relação ao conjunto, ficando-se pelo esboço das formas, de que o visitante facilmente se dá conta.

Fotografias cedidas pela Junqueira 220.



A IGREJA

ESPLENDOR
E SOBRIEDADE

O conjunto conventual é formado pela igreja e por dependências conventuais dispostas à volta do claustro. De planta retangular, a igreja é composta, grosso modo, por dois volumes: nave, onde se inscreve o coro alto, e capela-mor, sendo esta mais estreita e baixa. A fachada principal é limitada por pilastras em granito, encimadas por pináculos e dividida em três registos. O primeiro apresenta galilé, à qual se acede por vão em arco abatido com impostas salientes. Um friso separa o primeiro do segundo registo, que possui ao centro janela de peitoril com bandeira, ladeada por dois nichos concheados inseridos em moldura retangular encimada por volutas. A fachada é coroada por frontão desenhado por cimalha e empenas rematadas com cruz, enquadrando, ao centro, um nicho ladeado por volutas. Nenhum dos nichos apresenta qualquer imagem escultórica, que certamente tiveram. À direita do conjunto, em plano recuado, ergue-se a torre sineira.

Sob a galilé foram abertos dois portais de moldura retangular simples, um que permite o acesso ao interior do templo, outro que abre para as dependências conventuais.

No conjunto dos alçados destaca-se a decoração da fachada, onde são aplicados motivos decorativos geométricos de inspiração flamenga, como os pináculos e o frontão. A utilização destes modelos nórdicos, que seriam peças fundamentais para a modernidade da arquitetura maneirista e que se tornaram uma corrente vanguardista na arquitetura portuguesa alternativa ao então emergente estilo chão, demonstra uma atualidade de gosto por parte do encomendante pouco comum na região na época.



O renascimento coincide, em Portugal, com um período de relativa prosperidade proporcionada pelo comércio das especiarias, dando origem a programas construtivos mais ou menos grandiosos e ao uso de materiais nobres nas alvenarias e coberturas abobadadas, assim como ao recurso à pintura e à escultura. No final do Séc. XVI acentua-se o clima de decadência que já se vinha sentindo devido a um conjunto de fatores, nomeadamente

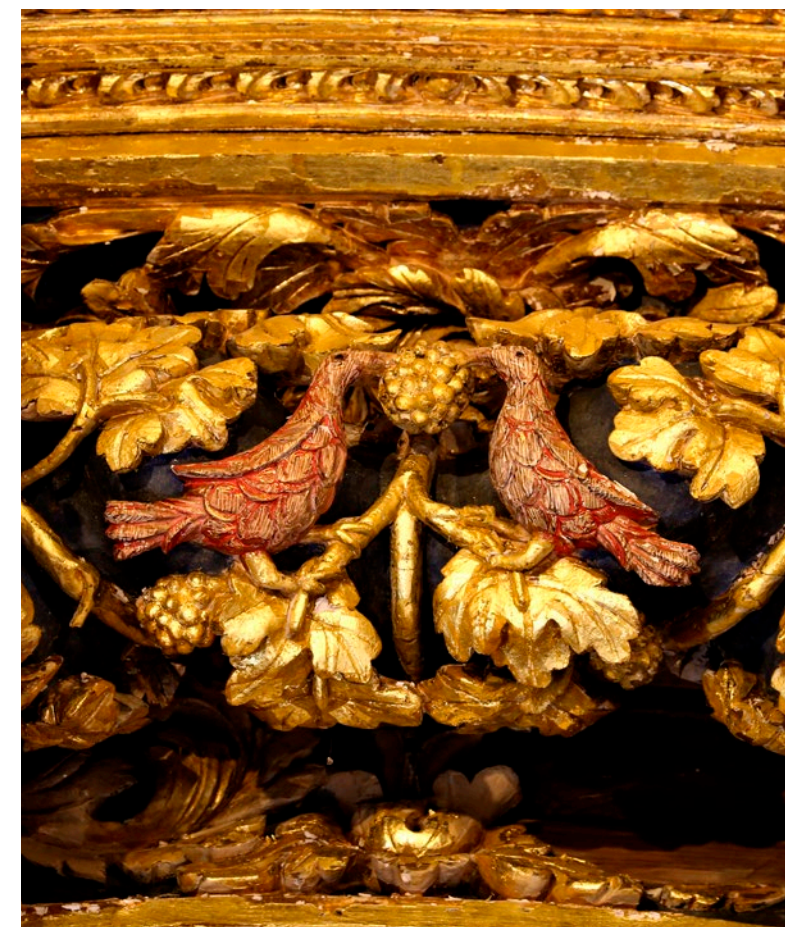
de ordem económica, e que, no plano da construção, leva à retração do investimento durante o período maneirista, caracterizado pela sobriedade e simplicidade das estruturas, em concordância com o modelo da igreja jesuítica. Já nos interiores, a talha surge como solução decorativa ideal em tempo de crise económica e de valores (estava-se em plena contra-reforma), pois tratava-se de uma técnica ao mesmo tempo esplendorosa e mais económica, que servia às orientações da igreja católica. É à luz deste enquadramento que bem se compreendem as expressões de espanto e as

exclamações de admiração de quem entra na igreja do convento de Santo António, tida como a pérola ou a joia maior do património artístico de Penamacor.



A TALHA DOURADA

A partir do século XVI, a determinação do Concílio de Trento em reconquistar fiéis e evitar novas perdas para as igrejas protestantes, repercutiu-se na arquitetura e decoração das Igrejas. Esta deveria ser envolvente, mobilizando os sentidos e as emoções dos católicos, para os manter próximos. Essas orientações atingiram a sua melhor forma de expressão com um estilo artístico chamado Barroco. Nascido em Itália (Roma), no século XVII, rapidamente se expandiu para outros países europeus. Ao contrário da simplicidade e serenidade classicistas, o barroco caracteriza-se pelo movimento, pelo dramatismo e pelo exagero. É uma arte espetacular e faustosa que, nas igrejas, pretende atrair e impressionar os fiéis. Os tetos artesoados com as suas pinturas sacras obedecem à ideia divulgada pela arte barroca de que o “Céu desce à Terra”, oferecendo imagens aos crentes representando, normalmente, cenas e figuras bíblicas. A utilização da arte figurativa é uma forma de ensinar a doutrina em épocas de grande analfabetismo, transmitindo por imagens a mensagem catequizante, funcionando como uma verdadeira bíblia dos pobres. Para além do impacto visual da ornamentação cenográfica, as obras de talha codificam uma linguagem simbólica e alegórica que veiculava mensagens, cuja interpretação por parte dos crentes era potenciada pelas palavras e gestos dos cerimoniais. Neste âmbito, a presença da talha nos espaços barrocos ultrapassa a sua função meramente decorativa ou cenográfica e assume um papel ativo na interação



com o observador, induzindo os fiéis a abraçar a fé. Nesta pedagogia formal e cenográfica, o brilho e a cor do ouro que revestia a madeira entalhada desempenhavam um papel determinante, não só pelo seu impacto visual, mas especialmente pelo seu simbolismo, imprimindo essência divina ao espaço, contribuindo para a prefiguração da esfera celestial. O ouro como a luz de uma nova vida.



A NAVE

A nave da igreja apresenta teto de madeira, em forma de falsa abóbada de berço, dividido em 98 caixotões policromados. As molduras dos caixotões são em talha dourada, assim como os florões de remate. A decoração dos painéis é constituída por motivos florais estilizados, aves, carrancas e *putti* alados, numa composição tipo cartela. Todo o conjunto assenta em cornijas, também em talha dourada, suportadas por mísulas de acantos.

O arco triunfal é flanqueado por dois altares em forma de urna com decoração de marmoreados, enrolamentos e concheados, alçados de retábulos de talha dourada e policromada, ao gosto maneirista, devendo-se concluir ser talvez esta a talha mais antiga da igreja. São ambos de planta reta, de eixo único, ladeados por quatro colunas espiraladas na parte superior, sendo a parte inferior decorada com elementos vegetalistas e carranca. Sobre friso de acantos e cornija, ergue-se a tabela quadrangular, encimada por frontão: do lado do evangelho representa-se Santa Clara, fundadora das irmãs clarissas, ramo feminino da ordem franciscana; do lado da epístola está a Rainha Santa Isabel. Nas mísulas centrais encontram-se, respetivamente, as imagens de Santo António e São José.





O PÚLPITO

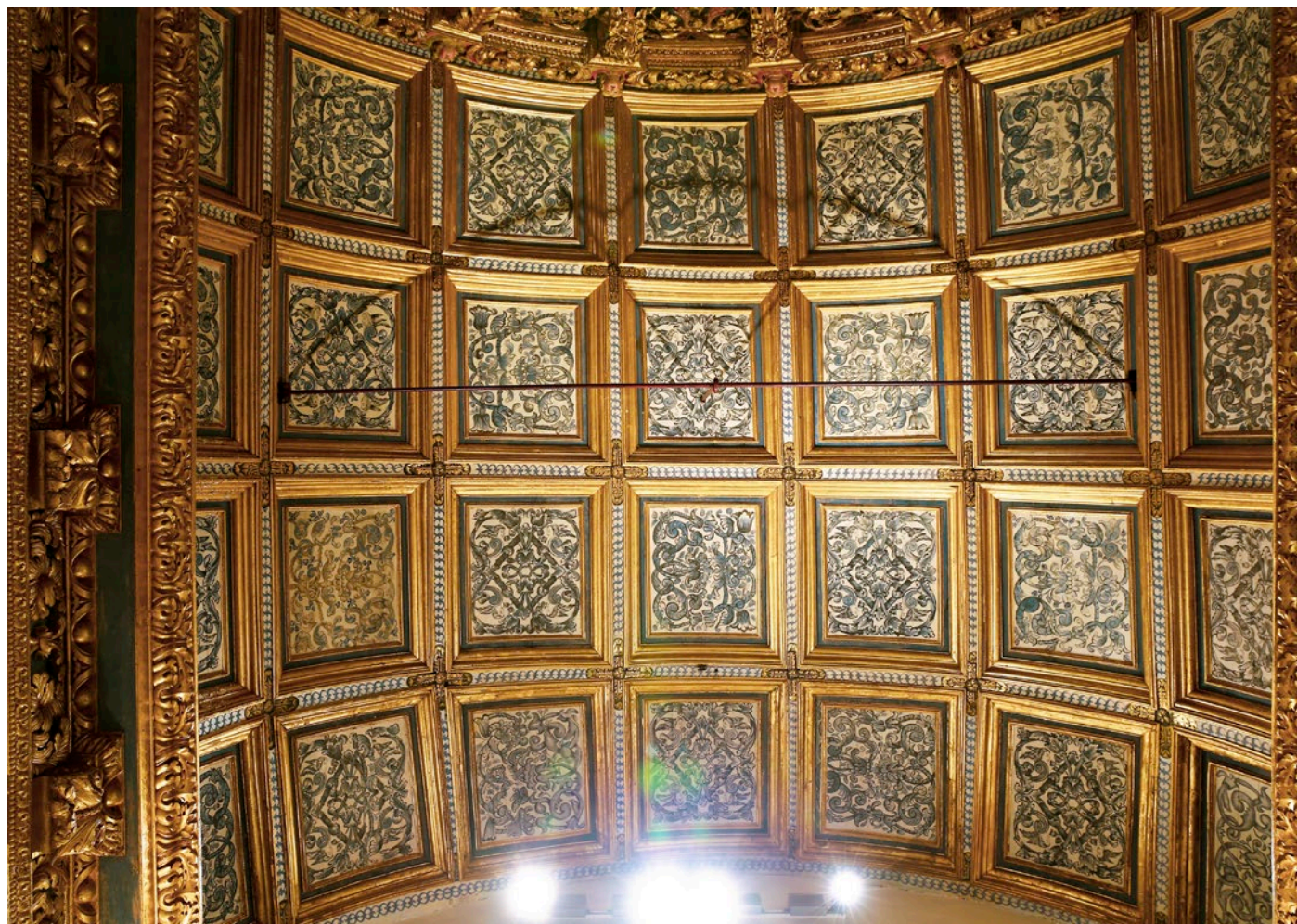
O púlpito, em valiosa talha dourada e policromada, assenta numa grande mísula, onde se destaca o anjo. Os painéis da guarda são divididos por molduras de acantos e *putti*, decorados com motivos fitomórficos e aves; o acesso ao púlpito processa-se por porta ao nível do segundo andar do claustro, de verga reta emoldurada por talha dourada que se prolonga até ao baldaquino decorado com a pomba do Espírito Santo. Este riquíssimo visual reforçava a eloquência retórica do pregador, tornando-a mais atrativa e certamente mais eficaz e persuasiva.



CAPELA-MOR

A crónica do convento diz-nos que a Capela-mor foi restaurada em 1692, indiciando ser dessa altura o retábulo que hoje podemos admirar, assim como o apainelamento do teto em falsa abóbada de caixotões decorados com motivos florais estilizados em tons de azul sobre fundo branco e ligados

entre si por mata-juntas singelamente decoradas no mesmo tom com temas alternados. Desta tonalidade predominante ressalta o dourado das molduras e o desenho das cruzes nos ângulos de interceção, conferindo ao conjunto uma assinalável simbiose cromática.



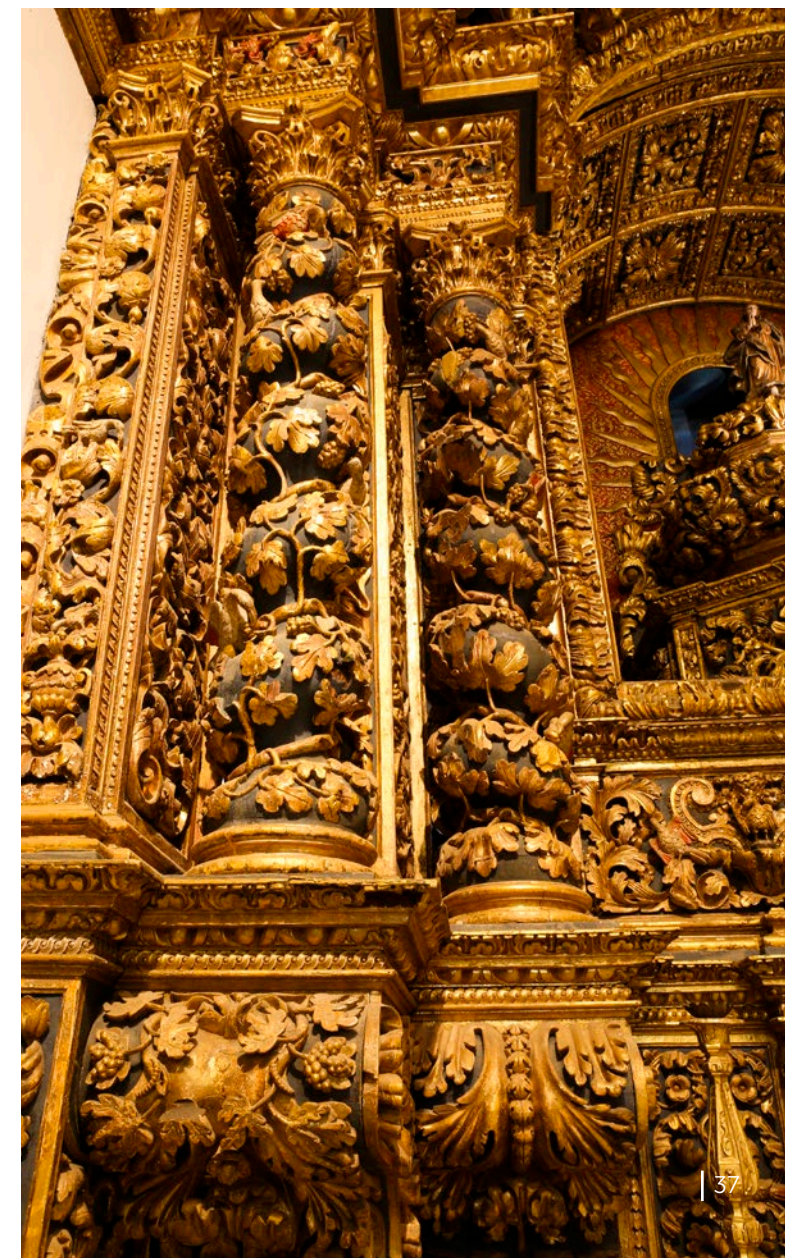
O RETÁBULO-MOR

As estruturas retabulares assumem-se como palcos para os santos, conferindo-lhes especial dignidade e intensificando o seu impacto visual sobre o observador. Não obstante a dispersão visual provocada pelos múltiplos pontos de atração suscitados pela abundância de formas e de ornatos, o olhar do observador acaba por recair nos pontos fulcrais, como sejam o trono e o sacrário. O retábulo como um todo, composto de cor, texturas e formas, passa por ser um espetáculo visual que o espaço religioso oferece aos fiéis e a todos os que nele entram.

Na Igreja de Santo António de Penamacor, o retábulo é uma peça de grandes dimensões, em talha dourada e policromada, conforme ao estilo nacional de inícios do século XVIII, caracterizado pelo emprego de colunas torsas adornadas com figuras simbólicas. Acantos, meninos, cachos de uva, parras, aves representando quase sempre a fénix, encontram-se aqui profusamente disseminados.



A tribuna é flanqueada por dois pares de colunas torsas apoiadas em grandes mísulas e pilastras assentes em plintos paralelepípedicos. As colunas prolongam-se em arquivoltas, também torsas, unidas no sentido do raio. Sob a tribuna, surge a porta do sacrário decorada com a cruz envolta por vide. O trono, de três andares, é coroado com



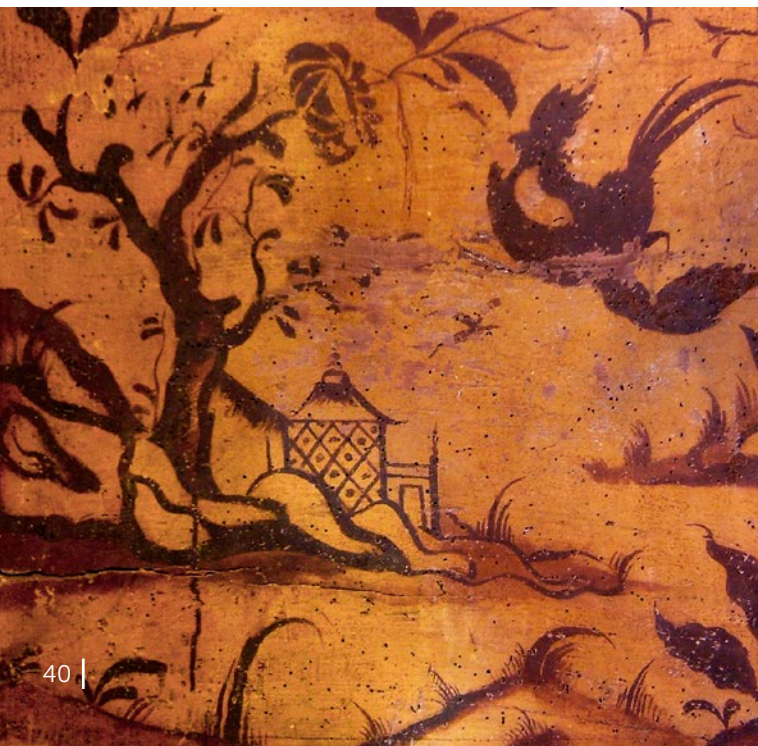


a imagem de Nossa Senhora da Conceição em esplendor. Nas laterais do grande nicho formado pela tribuna central, oculto ao olhar de quem observa a partir da nave, é digno de nota o conjunto de quatro painéis esculpidos representando três anjos músicos e *putto*, dois deles portadores de cordofones do tipo alaúde, o terceiro segurando

um aerofone, imagens essas que se repetem em ambos os lados. O altar, à semelhança dos colaterais da nave, é em forma de urna, decorado com mármoreados fingidos, enrolamentos e concheados. Já no corpo da capela-mor figuram Santo Antônio e São Francisco de Assis, em nichos destacados e entalhados, opostos simetricamente entre si.

CADEIRAL DO CORO ALTO

O cadeiral do coro alto é constituído por cerca de 20 cadeiras, dispostas numa única fila em forma de “U”, com braços comuns, que dividem os assentos rebatíveis, e espaldares decorados com pinturas orientais de feitura europeia, segundo costume na época, atualmente quase desprovidos de camada pictórica devido ao desgaste. As molduras da parte superior do respaldo são em talha dourada, assim como o restante entablamento. O anteparo do lado da nave é constituído por 29 balaústres de desenho complexo e gracioso. O último restauro devolveu aos marmoreados a sua coloração original.





SACRISTIA

Na sacristia, sobrepujando o arcaz, dispõe-se uma série de pinturas, a óleo sobre papel e madeira preparada, alusivas à vida e milagres de Santo Antônio, com exceção da imagem central, em que está representada Nossa Senhora com o Menino numa pintura a óleo sobre tela. Estes quadros são adornadas por molduradas em madeira dourada e marmoreados policromados. Nestas molduras existem numerosos nichos relicários já desprovidos das respetivas relíquias.

Observa-se ainda um pequeno retábulo dedicado à Virgem, de talha policromada, composto por nicho encurvado, com moldura, delimitado lateralmente por pilastras e orelhas encimadas por friso e cornija contracurvados; o altar é em forma de urna, decorado com acantos em relevo.





A decorative background featuring a repeating pattern of stylized, red line-art leaves and flowers. The leaves are elongated with pointed tips and internal vein details. The flowers are circular with spiral centers and layered petals. The pattern is distributed across the entire page, with some elements partially cut off at the edges.

CLAUSTRO



Além de facilitar o acesso às diferentes dependências do mosteiro, o claustro constituía lugar propício à oração. Prestava-se também ao repouso espiritual e à meditação, devido às condições de harmonia e ritmo espacial que normalmente caracteriza a sua arquitetura. Possibilitava ainda a contemplação das coisas do céu e da terra, ao abrir-se para o espaço azul e ao permitir o contacto com o perfume das flores e do rumorejar da água, pois que na maioria dos casos eram ajardinados. O claustro do Convento de Santo António de Penamacor é de planta quadrangular,

com três tramos e dois pisos, ambos com pavimentos lajeados de granito, o primeiro coberto por abóbada de aresta, o segundo por teto de madeira em masseira. Cada ala do claustro possui no primeiro registo três arcos assentes em colunas toscanas; no segundo forma três vãos retilíneos com guardas plenas em granito, de onde arrancam pequenas colunas toscanas alinhadas com as do piso inferior e sobre as quais assenta entablamento com cornija. Ao centro do claustro existe um tanque quadrado. Das alas claustrais acedia-se, por arcos de volta perfeita, às antigas dependências conventuais.





SIMBOLOGIA E IMAGÉTICA



SIMBOLOGIA

COLUNA

Coluna é suporte; na construção liga os diferentes níveis. Composta de base, fuste e capitel, simboliza a árvore da vida: a base marca o enraizamento, o fuste é o tronco e o capitel a folhagem. Quando retorcido de forma helicoidal, o fuste produz um efeito de movimento e dramatismo muito utilizado no barroco.

CRIANÇA, PUTTO

Representa a inocência, o estado anterior ao pecado. Símbolo da simplicidade natural, espontaneidade, tranquilidade.

PÁSSAROS

Simbolizam a relação entre o Céu e a Terra. Amiúde, representam a fênix, símbolo da imortalidade.

PARRAS

Símbolo da felicidade e prosperidade.

UVA

Símbolo da abundância, desejo de imortalidade e de prosperidade. Representa também a comunhão e o sangue de Cristo derramado pelos pecados dos homens.

CORES LITÚRGICAS

Negro e branco são as cores antagônicas por natureza, se justapostas representam a noite e o dia, as trevas e a luz, a morte a vida. Isoladas têm um sentido completamente diferente: o negro representa a tristeza, luto, penitência; o branco simboliza pureza, sabedoria, vitória, paz, pureza de alma, alegria.



O vermelho simboliza o fogo, o sangue, o amor divino, martírio e morte de Cristo.

O azul simboliza a morada celeste consubstanciada na verdade de Cristo. Associada à Virgem Maria é símbolo de serenidade e da candura de mãe. O verde simboliza esperança e regeneração, ligada desde sempre ao renascer operado na natureza em cada primavera.

Do ouro e amarelo diz-se que são sinónimos porque o amarelo representa o sol e a luz e o ouro é símbolo do próprio Cristo, da eternidade e da inteligência humana iluminada.



A IMAGÉTICA



Nossa Senhora da Conceição, ou Imaculada Conceição, ocupa o lugar cimeiro do trono do retábulo-mor. É representada, como sempre, pisando a serpente, afirmando o dogma que a dá nascida sem pecado. Trata-se de uma bela imagem que espelha bem os seus atributos de pureza, virgindade, serenidade e castidade. Sendo Penamacor, durante séculos, praça-forte do reino, é de supor que aqui se tenha alimentado o culto fervoroso à Imaculada Conceição, em honra de quem D. Afonso Henriques mandou celebrar missa pontifical de ação de graças após a conquista de Lisboa aos mouros, e a qual D. João IV declarou Rainha e Padroeira de Portugal, em 1646, no ardor da guerra da Restauração.



São Francisco de Assis apresenta-se vestido de franciscano, segurando um crânio e uma cruz. O Crânio simboliza sede de pensamento. As vestes franciscanas consistem num hábito cinzento grosseiro e com capuz, e um cinto de corda com três nós, simbolizando os votos de pobreza, obediência e castidade.



São José, considerado o santo advogado da boa morte, surge aqui com o Menino Jesus e com um lírio. O lírio, pela brancura, simboliza pureza, inocência e virgindade.

Santo António possuía um conhecimento notável da bíblia e os seus sermões impressionavam tanto os eruditos como os mais simples. Evidenciou sempre o seu grande amor ao Menino, razão porque é ordinariamente representado com um livro na mão, sobre o qual está colocado o Menino Jesus, que lhe terá aparecido várias vezes. Outros distintivos peculiares são a flor-de-lis, o crucifixo florido, os peixes escutando o famoso sermão e a mula ajoelhada perante o ostensório, alusões aos seus milagres.



As pinturas dos altares colaterais representam duas figuras caras aos franciscanos, sendo uma a própria Santa Clara com a custódia, alusão ao episódio em que afastou o exército de Frederico II que cercava Assis e o convento exibindo o ostensório, e a outra a Rainha Santa Isabel, no seu hábito de clarissa, evocando o famoso milagre das rosas. Convém referir que, segundo a tradição, a Rainha Santa passou por Penamacor em romagem a São Domingos da Sobreira.

BIBLIOGRAFIA

Borges, Augusto Moutinho, *Penamacor Militar, da Restauração à República*, Câmara Municipal de Penamacor, 2014

Davies, Penélope J. E. e outros, *A Nova História da Arte de Janson*, Lisboa, fundação Calouste Gulbenkian, 2010;

Ferreira, Sílvia, *A Talha*, Lisboa, Nova Terra, 2008;

Gomes, Alexandra Cruchinho, *Convento de Santo António de Penamacor*, Castelo Branco, Instituto Politécnico de Castelo Branco, Câmara Municipal de Penamacor e Santa Casa da Misericórdia de Penamacor;

Henriques, Hélder, *O Convento de Santo António de Penamacor: Um Contributo para a Sua História*, edição da Câmara Municipal de Penamacor, 2007;

Fr. Manuel de Monforte, *Crónica da Província da Piedade, primeira Capucha de toda a Ordem e Regular Observância de nosso seráfico Padre S. Francisco*, Lisboa, 1751

Landeiro, José Manuel, *O Concelho de Penamacor na História, na Tradição e na Lenda*, 4ª edição, Câmara Municipal de Penamacor, 1995;

Mendes, Laurinda Gil e Cabanas, António, *Cronologia da História de Penamacor, 715-1974*, Penamacor, Ensaio policopiado, 2009;

Pinto, Ana Lúcia e outros, *História da Arte*, Porto, Porto Editora, 2006;

Eusébio, Maria de Fátima, *A talha barroca no espaço religioso: do fascínio cenográfico à espiritualidade vivida*; [em linha]: http://festivalpolifonia.fcm.org.pt/talha_barroca.asp

Oliveira, Catarina, GIF/ IPPAR/ 2004, *Igreja e Claustro do Convento de Santo António - detalhe* [em linha]: <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/155823/>

Castro, Luís (1998); Figueiredo, Paula (2003); Alçada, Margarida (2003), *Convento de Santo António Penamacor* [em linha]: http://monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2492



ESPECIAIS AGRADECIMENTOS

Aos alunos do curso profissional
Técnico de Turismo Ambiental e Rural
do Agrupamento de Escolas Ribeiro
Sanches, inspiradores deste projeto.
Ao Provedor e pessoal da Santa Casa
da Misericórdia de Penamacor

